

E AGORA?

Raul Pilla

O MEU caro amigo Alberto Deodato tem razão: em tôda a parte a fôrça é a fôrça; em tôda a parte, tende o instrumento a tornar-se agente, invertendo a ordem natural dos fatores. Inteira segurança sômente se poderia ter quando a organização internacional pudesse dispensar as armas nacionais. Este ideal, porém, que eu cheguei a considerar próximo, tornou-se remoto, senão utópico, depois que se estabeleceu no mundo o totalitarismo russo.

Disto, porém, não se conclui, nem isto pretendeu concluir Alberto Deodato, a indiferença dos sistemas políticos em face da fôrça armada. Se, em todos os países do mundo e em todos os regimes, há uma coisa que não muda nunca — a fôrça — e se não há forma de instituição política que consiga convencer à fôrça que ela foi criada para servir ao direito, não menos certo é haver regimes que solicitam, provocam e autorizam as intervenções da fôrça. Assim, no presidencialismo latino-americano a regra é a sobreposição da fôrça ao poder civil; no parlamentarismo europeu, intervenção militar, como a ocorrida em França, é um escândalo inominável.

Não se pode, pois, assimilar a regra à exceção. Nem, sequer, deixar de indagar as causas determinantes da exceção. No caso da França, clara é a coisa: militarismo mais ou menos latente, que tôda guerra traz consigo, e exarcebção do sentimento nacionalista, sempre vivo naquêle país, que agora não se conforma com a inevitável redução do império colonial.

Que tal é a razão do fenômeno e que êste nada tem que ver com o sistema de govêrno, verifica-se pelo longo período de paz civil, que o seu parlamentarismo, embora defeituoso, assegurou à França. A origem do presente surto militarista devemos buscá-la na última conflagração, da mesma forma porque na guerra do Paraguai se encontra a origem da nossa questão militar, que desfechou na República.

É claro que estas coisas não as digo eu a Alberto Deodato, que as sabe tanto quanto eu, mas para o público, cuja perplexidade e confusão o articulista quis pintar ao vivo. E agora — respondo eu à sua interrogação final — agora é recommear a explicar o que já tantas vêzes temos explicado...